

LITERATURA, MEMÓRIA E NAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU

LETÍCIA VALANDRO*

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS.



Resumo

presente trabalho propõe-se a tratar da intrínseca e essencial ligação entre memória, literatura e nação. Como monumento da memória coletiva e cultural, a literatura tem papel singular na construção da “representação” que fundamenta nações e identidades. Esse aparato cultural mostra-se ainda mais importante em períodos que requerem um grande comprometimento dos cidadãos, como o colonialismo, a reação do povo dominado e formação da nova nação. É em relação à importância que a memória e a literatura possuem para a constituição da Guiné-Bissau, antiga colônia portuguesa na África, que este trabalho se volta. Nesse sentido, analisar-se-á a trilogia do escritor guineense Abdulai Sila, composta por *A última tragédia*, *Eterna paixão* e *Mistida*. Como narrativas da nação, apontam para a relevância da memória, seja do período colonial – e daí a violência característica e os ideais que moveram a luta pela libertação –, seja das tradições africanas, seu fundamento cultural. Para uma incipiente nação, cuja realidade pós-colonial mostra-se diversa da almejada, rememorar o passado mostra-se essencial para melhor compreender o presente e projetar o futuro.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Identidade; Literatura; Memória; Nação.

LITERATURA, MEMÓRIA E NAÇÃO

Sem dúvida, há uma grande interdependência entre memória, literatura e nação, uma relação capaz de refletir e interferir na sociedade. Essa ligação, profunda e indissociável, permeia a escrita de algumas obras literárias e, permite que se concorde com Said quando diz: “não creio que os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, (...) mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus” (SAID, 1995, p. 23). Em suma, “a cultura e suas formas estéticas derivam da experiência histórica”. (SAID, 1995, p. 23).

Essa interdependência mostra ainda maior relevância e força em períodos nos quais a sociedade em questão lança-se em empreitadas que

requerem participação e aceitação maciça. Nesse sentido, o colonialismo foi um deles.

O grande interesse das metrópoles na conquista e manutenção de colônias foi de natureza econômica. Como essas terras, em sua maioria, já eram habitadas, os colonizadores “precisavam fazer algo em relação aos habitantes nativos” (SAID, 1995, p.37). Nesse sentido, houve, sempre, conflitos, já que a ocupação não ocorreu de forma pacífica. Entretanto, essa luta nunca se restringiu a “soldados e canhões”, abrangeu “também ideias, formas, imagens e representações” (ibid., p. 38).

Nesse contexto, é a nação, caracterizada como sendo não “apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (HALL, 2006, p. 49). É por meio dessa representação que, segundo Hall, as identidades nacionais são formadas e transformadas (ibid., p. 48). Assim, toda nação tem por alicerce sua cultura, a qual cria conceitos, ideias, ações com as quais seus cidadãos identificam-se e em razão dos quais agem.

De acordo com Edward Said, a dominação colonial foi sustentada e impelida “por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação” (SAID, 1995, p. 40). E essa ideologia apoiava-se na crença da superioridade do colonizador, que possuiria o dever quase metafísico de levar a civilização e a salvação da alma aos povos primitivos.

Esse aparato, portanto,

se apoia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimento do colonizador e do colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e instrução. (BHABHA, 1998, p. 111)

Em relação às práticas do colonialismo português, a ideia de “missão” - religiosa e civilizatória - mostra-se como argumento e justificativa recorrente. Isso fica bem claro no dizer de Adriano Moreira, Ministro do Ultramar durante o governo salazarista: “o colonialismo missionário é uma missão universalista que, durante séculos, o homem português tem levado a efeitos e que jamais pode ser confundida com colonização, posta em termos de meros interesses materiais e segregação racial” (SAID *apud* ANDERSON, 1966, p. 80).

Em sentido inverso, segundo Marc Ferro, um conceito cultural – a civilização- e um sistema de valores “tinham função econômica e política precisa. Não só aqueles países deviam assegurar aos europeus os direitos que definem a civilização, mas a proteção desses direitos tornava-se a razão de ser, moral, entenda-se, dos conquistadores” (FERRO, 1996, p. 40).

Concordando com Said, essa ideologia, de ordem claramente cultural, encontra uma de suas principais conexões com o colonialismo através das narrativas. Para ele, “as próprias nações são narrativas” (SAID, 1995, p. 13). Tomando a terra como principal objeto de disputa do

colonialismo, quando se tratava de quem a possuía, de “quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, quem a explorava” (SAID, 1995, p. 13), foram questões “pensadas, discutidas e até, por um tempo, decididas na narrativa” (SAID, 1995, p. 13), tamanha a sua importância para a legitimação e a manutenção de um império.

Portanto, as narrativas tiveram papel singular quando se tratou da implantação de um império, assim como da reação a ele. Com o “pós-colonialismo” – que se refere, aqui, ao final da posse geográfica e direta de colônias –, pode-se verificar um grande número de romances tratando do tema e da situação das ex-colônias, tanto por parte do povo subjugado, que finalmente ganha voz, quanto pelo próprio colonizador.

O retorno ao passado colonial, que caracteriza as atuais narrativas de colonizadores e colonizados, “não é um retorno nostálgico; é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade” (HUTCHEON, 1988, p. 20).

O passado, logo, é retomado, lembrado. A história que aqui se retoma não é a da “ciência histórica”, mas a história lembrada, a história mnemônica. Segundo Jan Assmann (2008), o passado que se recorda é distinto do passado que se investiga:

El pasado que se recuerda tiene un carácter apelativo, una cualidad ‘mito-motora’. Es una fuente de aspiraciones y de orientación, un fundamento, pero también un desafío para el presente y una fuerza impulsora hacia el futuro [...] no se trata del pasado como tal, ‘como realmente fue’, sino siempre sobre aquello que significa algo para el presente y cómo es en el presente actual. (ASSMANN, 2008, p. 233)

A memória, logo, é um dos fundamentos dessa ligação entre história e literatura. Até porque “la diferencia entre hechos y ficciones, cuando se trata de recuerdo y no de investigación histórica, no tiene la menor importancia. Quizás estribe en eso la principal diferencia entre memoria e historia.” (ASSMANN, 2008, p. 232).

Ainda segundo Jan Assmann, a memória tem um base dupla: uma é neuronal e a outra é social. O teórico apresenta a ideia de Maurice Halbwachs, para quem “la memoria es un fenómeno social” (ASSMANN, 2008, p. 17). Nesse sentido, surge o conceito de memória coletiva, gerada na interioridade do indivíduo de acordo com as normas de comunicação com os outros e o pertencimento ao meio social:

Su tarea, ante todo, consiste en transmitir una identidad colectiva. La memoria colectiva es particularmente vulnerable ante las formas politizadas del recuerdo. Se trata de invocar la historia a los fines de convocar a objetivos políticos comunes. Los típicos medios de esta forma de memoria son los monumentos, los días conmemorativos y sus respectivos festejos y ritos, las banderas, las canciones y los eslógans. (ASSMANN, 2008, p. 23-24)

Jan e Aleida Assmann ampliam o conceito de memória coletiva com aquela que denominam memória cultural, cuja base é a tradição trans-

mitida verticalmente ao longo das gerações. Ou seja, em seu caráter coletivo, a memória engloba, também, seus aspectos culturais, expressos nas tradições, costumes, símbolos de uma sociedade. A memória cultural, portanto, pode ser vista “como un sistema de espacios del recuerdo, un sistema de marcas que permite que el individuo que vive en esa tradición pertenezca a ella, o sea, que se realice como miembro de una sociedad en tanto comunidad de aprendizaje, de memoria y de cultura.” (ASSMANN, 2008, p. 26).

A construção e pertencimento a uma identidade nacional, como “comunidade imaginada” (HALL, 2006, p. 51), aparece, logo, dependente da memória coletiva e cultural da sociedade. Os sentidos criados pela cultura nacional, capazes de promover essa identificação “estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.” (HALL, 2006, p. 51).

A literatura, como monumento coletivo e cultural, pode ser considerada tanto “mímese da memória” (UMBACH, 2008, p. 12), quanto “veículo da memória coletiva” (UMBACH, 2008, p. 12). Isto é, sendo mímese, a literatura aparece como meio estético e ficcional através do qual os discursos da memória podem ser observados. Já, como “veículo da memória”, ela pode atuar “na formação de versões do passado, na construção de identidades coletivas, na negociação de memórias concorrentes, funcionando inclusive como instância de supervisão crítica de processos culturais relacionados à memória.” (UMBACH, 2008, p. 12).

Memória e literatura, portanto, apresentam uma ligação intrínseca e essencial. São capazes de fundamentar nações e identidades, criando, transmitindo e legitimando ideias de caráter e função nacionais. Constituíram, dessa forma, uma das bases das ações e reações colonialistas, bem como continuam desempenhando papel fundamental no período pós-colonial. Daí poder-se, sob essas perspectivas, analisar a trilogia do escritor guineense, Abdulai Sila, composta por **A última tragédia**, **Eterna paixão** e **Mistida**.

O RESGATE DO TRAUMA

A última tragédia, de 1995, é o segundo romance da trilogia a ser publicado, contudo, além de ter sido o primeiro a ser escrito, também é o que mais recua no tempo. A narrativa transcorre ainda no período de dominação colonial portuguesa. Conta a história de Ndani, uma moradora do povoado de Biombo, cuja vida é marcada pela crença na predição de um Djambakus¹ de que, por ser portadora de um “mau-espírito”, teria uma existência de desgraças, de tragédias até o fim.

Em virtude dessa maldição, Ndani deixa sua tabanca e parte para Bis-sau, onde passa a trabalhar na casa da alentejana Maria Deolinda. Sua adaptação ao “mundo dos brancos” ocorre gradualmente e inicia com a troca do nome, imposta pela patroa: “a partir de hoje, tu és Daniela, Da-ni-e-la. Maria Daniela e mais nada” (SILA, 1995, p. 18). Novo nome com o qual Ndani leva algum tempo para se acostumar, para

¹ Espécie de líder religioso tradicional.

Chefe africano tradicional, líder máximo de uma tabanca.

responder quando solicitada e “para descobrir que Maisnada não era apelido” (SILA, 1995, p. 18). Ao dar um nome tipicamente português a Ndani, Maria Deolinda, como representante do colonizador e de sua ideologia, impõe fortemente sua cultura e sua suposta superioridade em relação à jovem, já que a perda do nome deve ser vista como a representação da perda da identidade africana em favor da portuguesa; como a suplantação da cultura defendida como inferior em favor da dita superior.

Ndani é escolhida pelo Régulo² de Quinhamel, Bsum Nanki, como esposa. Esse personagem apresenta grande significação no romance, já que representa o desejo de mudança da condição do negro e da consciência de sua humanidade.

Sua crença inabalável baseava-se na certeza da igualdade entre os homens, bem como na necessidade de que o negro começasse a “pensar”:

O branco está a dominar o preto é só porque não há ninguém a pensar. Ninguém diz isto está bom, aquilo está mal e depois procura pensar porquê. Tudo o que o branco faz é porque está bom. O branco é que estava a pensar no lugar do preto. Mas branco é homem como qualquer outro homem. (SILA, 1995, p. 64)

Para o Régulo, o fim da dominação era uma certeza, contudo, dependia de o negro desenvolver sua capacidade de pensar. O Régulo defendia que o poder só poderia ter valor e duração se estivesse alicerçado em ideias e não na violência. Por isso a necessidade da criação de escolas: “não é coisa de querer copiar os brancos. É só uma questão de pensar, pensar no futuro. A escola é primeiro que tudo um sítio onde as pessoas aprendem a pensar” (SILA, 1995, p. 81).

Para a escola que constrói no povoado, o Régulo escolhe como professor um africano, para quem dita seu testamento. Nesse deixa seu maior bem: suas ideias para a mudança da situação colonial. Anunciava, ainda, “um plano de como tirar os brancos a mandar nessa terra [...]”. Não é matar nem expulsar ninguém. É só por os brancos no seu lugar” (SILA, 1995, p. 95). Contudo, esse plano nunca aparece, já que o Régulo morre antes de revelá-lo.

Suas ideias influenciam o Professor, com quem Ndani se envolve e tem dois filhos. Ao refletir sobre sua educação, suas raízes africanas e o quadro da Guiné colonial, ele adquire consciência dos paradoxos que envolviam o ideário imperialista português. Contudo, também não consegue realizar a mudança que desejava, uma vez que, injustamente, é mandado para o degredo em São Tomé.

Assim, a narrativa retoma o período colonial, grande trauma do povo guineense. É em virtude de uma situação traumática que, segundo Freud (FREUD *apud* ASSMANN, 2008), a memória é estimulada e afeta o indivíduo. A memória coletiva, então, aparece como consequência da obsessão que as lembranças traumáticas exercem sobre as almas.

A extrema violência – tanto física, quanto cultural – aplicada pelo colonizador, a suplantação da cultura local, em favor da apreçoada como

civilizada, a tentativa de resistência, que se mostra ineficiente, constituem a obra. Uma resistência não eficaz, pois não compreendida nem empreendida por uma grande porção da população, talvez constitua o centro dessa situação traumática.

Não se tem mais dúvida de que os colonizados desempenharam importante papel para a manutenção das estruturas de dominação. Segundo Edward, a durabilidade de um império: “foi sustentada por ambos os lados, pelos dominantes e pelos distantes dominados, cada qual, por sua vez, tinha dessa história compartilhada um leque de interpretações com suas perspectivas, sentidos históricos, emoções e tradições próprias” (SAID, 1995, p. 42).

Parece ser em oposição a isso que os principais personagens de **A última tragédia**, Ndani, o Régulo e o Professor, representam negros que não se deixaram assimilar e que, mesmo com a influência incontável e definitiva da cultura lusa em terras africanas, mantiveram vivas suas tradições, a certeza da igualdade entre os homens e o desejo e esperança em um futuro melhor.

O epílogo da narrativa também se mostra ligado à memória da cultura africana. Nele, Sila revela estar contando uma “passada”, uma história ouvida e recontada oralmente (SILA, 1995, p. 159). O autor usa, portanto, uma típica forma de propagação e manutenção da memória cultural de um povo como moldura para a história que conta. Além disso, utiliza e dá relevo a mais um traço de retomada das origens e tradições guineenses, já que “passadas” são um marcante e característico aspecto de sua cultura.

Escrita já no pós-independência, período caracterizado pela fuga e oposição aos anseios e sonhos da luta pela libertação, é, portanto, através da retomada do trauma decorrente da exploração colonialista que a obra de Sila constitui-se. E isso parece resultar da intenção de buscar “aí uma explicação para a origem e as causas dos males atuais” (AUGEL, 2007, p. 305). Nesse sentido, o autor retoma os ideais e projetos da iminente nação que ainda buscava a independência, como a solidariedade, a justiça, a confiança na capacidade do negro, a certeza da igualdade entre os homens, a crença no desenvolvimento através da educação, visando resgatá-los, a fim de, talvez agora, consubstanciá-los em realidade.

SONHOS DESFEITOS E A RETOMADA DA ESPERANÇA

É na triste realidade do pós-independência que **Eterna paixão** (1994) e **Mistida** (1997) transcorrem. Período de sonhos desfeitos, de falta de solidariedade e união, de individualismo, em nada se assemelha à Guiné desejada. Segundo Augel:

numa fase anterior, dominava a dicotomia entre a África antes e depois do colonialismo, hoje, a oposição faz-se entre os sonhos do país emancipado e a triste realidade reinante, entre a utopia e a distopia, uma vez que o jugo dos governantes inescrupulosos depois da libertação não difere, em muitos aspectos, do jugo colonialista. (AUGEL, 2007, p. 304)

As minúcias dessa difícil realidade podem ser observadas nas obras, de forma crítica e contundente. **Eterna paixão** traz a história da Daniel Baldwin, um afro-americano apaixonado pela África da luta contra a exploração colonialista, da solidariedade e justiça humana, pregada pelos movimentos independentistas, repletos de potencialidades e possibilidades de progresso. Daniel integra o **Africa Committee** de forma ativa e representativa. Ao vencer um concurso, cuja temática consistia na elaboração de um projeto para transformar e desenvolver o continente, conhece o embaixador Kinsumah, representante de um país não nomeado, para onde se muda e, como engenheiro agrônomo, ocupa um cargo de diretoria no Ministério da Agricultura.

Em uma conversa entre Daniel e o embaixador, pode-se observar a desilusão advinda com a independência, expressa por Kinsumah, participante ativo do processo de libertação:

pertencemos à geração da juventude que conquistou a independência política. Nós acabámos com o colonialismo e fizemos nascer uma nova era de esperança. Uma esperança que nos fazia sonhar. Durante anos vivemos dessa fé e dos sonhos. Todos nós tínhamos muitos sonhos. Mas onde é que eles estão? Nenhum de nós sabe. Tão grave é a situação; tão profunda a decepção... (SILA, 2002, p. 217-218)

A prisão e a morte do embaixador, por motivos políticos, fazem Daniel descobrir outra África, uma África “com cara de cruel, que reprimia barbaramente; com mãos sanguinárias, que assassinava nas prisões; de olhos vendados, perdida na corrupção” (SILA, 2002, p. 241).

Após também passar um tempo preso, Daniel parte para Woyowayan, onde muda não só a sua vida, mas a de todos do lugar, criando uma escola, um clube para a juventude, uma cooperativa de agricultores. “A vida de Woyowayan mudou. Mudou profundamente. Depois foi a vida das tabancas vizinhas. Não tardou muito e foi anunciada a corrente eléctrica. Ela chegou brilhando, acompanhada do posto de saúde, onde um enfermeiro e uma parteira concorriam com os yrans e marabús” (SILA, 2002, p. 301-302).

A tabanca ganhou fama, que chegou até a capital, o que trouxe a certeza de que “o país estava ele mesmo passando por grandes transformações. Da grande insatisfação acumulada durante anos foi nascendo um ânimo novo, uma vontade forte, um desejo inarredável de sacudir a velha poeira de privilégios e prepotências, uma necessidade arrebatadora de procurar outros caminhos” (SILA, 2002, p. 302-303).

Daniel retorna à capital como Ministro da Agricultura, representante do novo partido que passa a governar o país. É na nova função que descobre a grande e verdadeira paixão que nutria pela pátria, pela nação que adotara como sua, já que nela podia vislumbrar suas raízes mais profundas.

Retomando Hall, “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p. 48). Daniel, portanto, passa a ter na Guiné

sua pátria e a essa cultura adapta-se e vive. Nesse sentido, veste-se com roupas locais, aprende a língua e os costumes da tabanca, vive e transmite a tradição e o respeito aos “Homens e Mulheres Grandes”.

Woyowayan, logo, aparece como um microcosmo da nação almejada e sonhada, bem diferente da real. É essa que Sila, novamente, critica em *Mistida* (1997), outra narrativa que se caracteriza não mais pela utopia da independência, mas por um olhar nítido e reflexivo sobre o que a ela sobreveio.

Seu título, único em crioulo, situa a obra e evidencia o lugar da narrativa. Segundo o próprio Sila:

“mistida” significa amor, desejo, ambição, afazer, etc. De fato, o seu significado só pode ser determinado no contexto de uma frase específica, tantos são seus possíveis significados e / ou sentidos. Deste modo, safar uma mistida (esta é a expressão que se usa) pode significar tanto ir beber um copo de vinho de caju, como concretizar um negócio, participar numa reunião do partido ou ainda fazer amor com uma amante (AUGEL, 2007, p. 315)

Ao longo dos dez capítulos, das dez histórias que compõem o livro, seus protagonistas mantêm este traço comum: todos “tinham uma mistida urgente a safar. Antes do amanhecer” (SILA, 1997, p. 83). O que se pode perceber, no decorrer da análise da obra, é que, por mais particular que essa mistida possa parecer, todas têm a mesma essência: anunciar “o sinal do começo de uma nova era, uma era de amor e de justiça, sem sombras nem penumbras” (SILA, 1997, p. 96).

Nesse romance, Sila inova formalmente. Faz uso de um grande número de alegorias; a linearidade dá lugar ao caos e a fragmentação da(s) história(s) é tanta, que Teresa Montenegro caracteriza-a como “uma narrativa pós-moderna” (MONTENEGRO, 1997, p. 11). Esse desconcerto, sem dúvida, liga-se ao argumento da narrativa, esclarecido pelo autor:

a mistida nasceu de um roubo. É por isso que, nas introduções a cada capítulo, se fala de um roubo que não é normal. Tratava-se de um roubo especial que só uma classe diminuta consegue de facto praticar que é roubar o cérebro. Portanto, tratava-se de roubar o cérebro a uma pessoa – e não se diz se é homem, mulher, velho, criança... É por isso que em cada capítulo essa pessoa, a quem a memória é roubada, aparece como um outro personagem. É essa a gênese de *Mistida*. (SILA, 2002, p. 10)

Relacionado às implicações que um roubo dessa natureza propicia, como a perda dos traços históricos que contribuem para a idéia de unidade, de coletividade, de identidade, de nação, o quarto capítulo, Timba, é o mais representativo. Seu protagonista, Amambarka, nome de origem mandinga que significa “coisa ruim, que não presta” (AUGEL, 2007, p. 319), almejava esquecer o seu passado e projetar um futuro sem história. Para isso, afirma ter eliminado seus progenitores, “miseravelmente perdidos no anonimato das massas” que não combinavam com “o futuro glorioso que o aguardava e era prova da sua superioridade”.

dade intelectual” (SILA, 1997, p. 88). Assim, esse personagem tenta “livrar-se” de sua história, de sua memória, em nome da construção daquela que acredita ser a “sua” grande epopeia. Através do grande desconcerto e ironia que caracterizam o capítulo, percebe-se, então, que a questão norteadora da narrativa está relacionada à relevância da memória para a construção de uma identidade comum e, dessa forma, de uma nação.

No caso da Guiné-Bissau, cuja história aparece marcada pela luta contra a dominação colonial lusa, essa memória de união étnica e luta faz-se ainda mais importante e imprescindível para a construção do futuro. Uma sociedade sem memória torna-se, não só sem passado, mas também sem futuro, mais facilmente manipulável e passível de perder sua conexão identitária, solidária. O individualismo e os interesses pessoais passam a imperar. É o egoísmo e a corrupção, que, em *Mistida*, caracterizam a Guiné atual. A metáfora usada para representar essa situação é o lixo. E ele começa a tomar conta de tudo e de todos.

Novamente, a exemplo do que acontece em *A última tragédia*, o final da narrativa revela tratar-se de uma história ouvida e contada. Logo, volta-se a dar ênfase e valor à memória, às histórias rememoradas e transmitidas ao longo das gerações, como característica da tradição africana e, conseqüentemente, como forma de construção de uma identidade cultural e nacional.

Essa valorização e retomada da tradição local, bem como a lembrança permanente dos desejos que caracterizaram a luta contra o trauma da dominação colonial, parecem ser buscadas a fim de que a triste realidade expressa nas duas obras possa ser modificada. Daí ser preciso lembrar, “dizer claramente aos que andavam a arrastar a terra para a miséria que não foi para isso que tinham lutado tantos anos e feito tantos sacrifícios.” (SILA, 1997, p. 44).

MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO GUINEENSE

Através da análise da trilogia de Sila, o colonialismo, a reação a ele, bem como a realidade atual, oposta à almejada e motivadora da luta pela libertação, são retomados, a fim de que se pense o presente e se projete o futuro da Guiné-Bissau. Sendo esse, sem dúvida, baseado na Esperança, traço marcante nas três narrativas. Nesse sentido, a memória apresenta relevância ímpar. Ela e seus monumentos e símbolos constituem-se como um meio de representação cultural, logo, imprescindível para o sentido de nação e para a formação da identidade nacional, tão importante para um país em construção.

Como bem coloca Benjamin Abdala Junior, em relação às novas nações africanas, “o reconhecimento da própria ideia de nação dentro do conjunto do país” (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 38-39) é um fato recente, contudo, indispensável para o sentido de ligação da população e desenvolvimento do país. Na Guiné-Bissau, constituída por mais de 20 diferentes grupos étnicos, é a história compartilhada que propicia esse sentimento de unidade. Segundo Moema Parente Augel (2007), essa convicção de pertencimento ancora-se no momento fundador da

nacionalidade, que foi a libertação do jugo colonial. Nesse contexto, ainda de acordo com Augel, os escritores atuam como porta-vozes dessa consciência de identidade coletiva, evidenciando, portanto, a importância da literatura para a formação nacional.

Para a construção da nação guineense, além de manter vivos na memória da população o colonialismo e a luta travada para seu fim, Sila mostra a presença e a importância das tradições africanas. Isso fica bem claro quando dá relevância às “Mulheres e Homens Grandes”, conselheiros dos protagonistas dos romances, anciãos sábios ligados às culturas tribais. A presença do vocábulo crioulo nas três narrativas, a natureza e a vida das personagens interligadas, assim como a crença em “yran” e “djambakus”, também evidenciam essa valorização da tradição, que parece ganhar ainda maior relevo quando se observa que as estruturas narrativas de *A última tragédia* e *Mistida* baseiam-se na tradição oral.

Como um dos “intelectuais africanos engajados”, Abdulai Sila realiza aquilo que Abdala Júnior chama de “práxis transformadora”, na qual “a apreensão dos fragmentos das culturas tradicionais só seria possível para eles em termos de modernidade – uma atualização progressista do passado que se faz presente” (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 40). O passado e a tradição, portanto, são rememorados com olhar voltado para o futuro. Somente através da conservação da memória, da reflexão e conscientização acerca de acontecimentos e experiências vividas o presente pode ser melhor compreendido e o futuro mais bem projetado e realizado.

ABSTRACT

The present work deals with and the essential linking between memory, literature and nation. As monument of the collective and cultural memory, literature has singular paper in the construction of the representation that bases nations and identities. This cultural apparatus reveals still more important in periods that require a great participation of the citizens, as the colonialism, to the reaction of the dominated people and formation of the new nation. It is in relation to the importance that the memory and literature possess for the constitution of the Guiné-Bissau, old Portuguese colony in Africa, that this work is dedicated. In this direction, it will be analyzed the trilogy of the guineense writer Abdulai Sila, composed for the Last Tragedy, Perpetual Passion and Mistida. As narratives of the nation, point to the relevance of memory, either of period colonial – and from there the characteristic violence and the ideals that had moved the fight for the release –, either of the African traditions, its cultural bedding. For an incipient nation, whose reality after-colonial reveals diverse of the wanted, to recollect the past it reveals essential better to understand the present and to project the future.

Key words: Guiné-Bissau; Identity; Literature; Memory; Nation.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política**: literaturas de língua portuguesa no Século XX. 2ª Ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

ANDERSON, Perry. **Portugal e o fim do ultracolonialismo**. Tradução Eduardo de Almeida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

ASSMANN, Jan. **Religión y memoria cultural**: diez estudios. Edición y traducción Marcelo G. Burello y Karen Saban. - 1 ed. - Buenos Aires: Lilmod, Libros de la Araucaria, 2008.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências - séculos XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: DPA, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo. História, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MONTENEGRO, Teresa. Prefácio. In: MONTENEGRO, Teresa. **Mistida**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1997.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**; tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1995.

SILA, Abdulai. **Mistida**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1997.

SILA, Abdulai. **Mistida (Trilogia)**. Praia - Mindelo: Centro Cultural Português, 2002.

UMBACH, Rosani Ketzer. Memórias da Repressão e Literatura: algumas questões teóricas. In: UMBACH, Rosani Ketzer. **Memórias da repressão**. Santa Maria, RS: PPGL – UFSM, 2008.